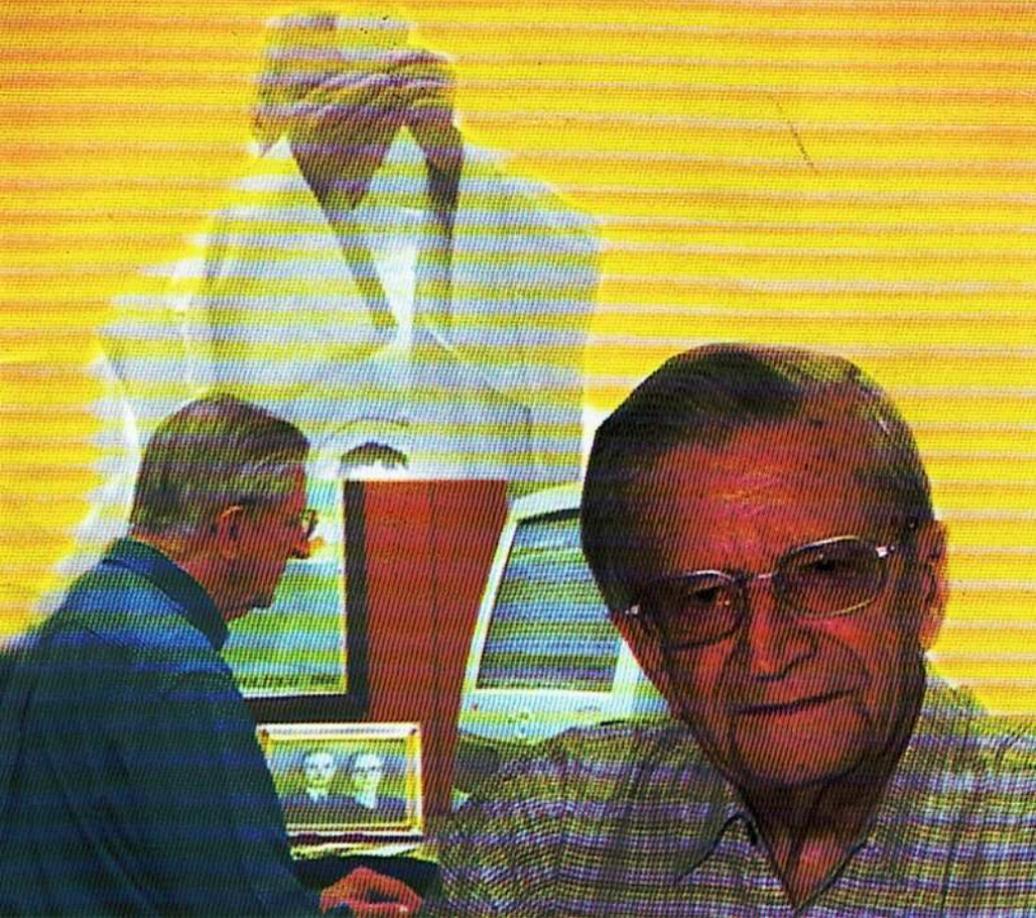


# Padre Fausto Santa Catarina, SDB



Lembramos aqui, embora de memória, o que o Pe. Karl Rahner escreveu: “Assim como, pela manhã, a gota de orvalho pendente da pétala de uma flor, embora pequenina, reflete a imensidão do céu, assim cada momento do tempo carrega em si toda a dimensão da eternidade”. Belas e profundas palavras que nos levam a estas outras muito sábias da Escritura: “Não te privas do bem de um dia, e não deixes perder nenhuma parcela de um bom desejo” (*Eclo 14,14*).

Eis a grande lição que o Pe. Fausto nos deixa: viveu longamente, viveu intensamente, viveu inteiramente cada momento do tempo. E de cada momento de tempo, como abelha laboriosa, soube sugar o néctar da vida, saciou-se de viver e viveu feliz.

O conhecido poeta Fernando Pessoa escreveu: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Grande, na verdade, foi a alma do Pe. Fausto. Vamos juntos iluminá-la com a luz de sua história e de sua fé.

## **A partida**

A poucos meses de completar 93 anos (o que se daria no dia 8 de junho de 2006), o Pe. Fausto deixou este mundo. Partiu às pressas, sem despedidas. Não foi uma partida imprevista, mas foi improvisa. Era apressado em tudo, apressou-se também em morrer.

Sensível e perspicaz, notou que suas forças diminuían. Era um grande caminhante. Caminhava sempre que podia, até nos intervalos do noticiário da TV. Não ficava parado, em pé. Ao caminhar, não admitia ser retido sob o pretexto de o interlocutor querer sublinhar algum ponto da conversa: vamos caminhar! – insistia.

Foi precisamente durante as caminhadas que o Pe. Fausto começou a dar sinais de fragilidade. Nos últimos anos, em breves férias em Campos do Jordão, os passos tornaram-se menos rápidos e os percursos mais curtos. Em janeiro de 2006, apenas chegou em Campos, comprou uma bengala: queixava-se de uma



das pernas que não lhe obedecia como dantes. Ao fim de uma semana quis voltar para São Paulo.

Os sinais de decadência, porém, já eram perceptíveis nos últimos meses de 2005. Em dezembro daquele ano, tonturas muito fortes lhe impediam de voltar rapidamente a cabeça, deixando-o bastante preocupado. Multiplicaram-se as consultas médicas e os remédios. Ele mesmo não parava de pesquisar a respeito dos males que o incomodavam.

De fato, a vontade de viver o fazia dar particular importância à saúde. Temia ser vítima de alguma doença específica, tanto mais que em anos não distantes fizera cirurgia da próstata e introduzira uma prótese na veia aorta na altura do abdômen. Zelava com solicitude incomum pela sua saúde. Sentia-se inseguro e ansioso sempre que surgia algum sintoma menos conhecido.

A comunidade salesiana da Mooca – especialmente por meio de seus últimos Diretores – não poupou esforços para atendê-lo em suas preocupações. Pôs-lhe à disposição funcionárias que velavam carinhosamente por ele, lhe recordavam os horários dos remédios, os dias de exames e o acompanhavam aos consultórios, enfim, fez-se de tudo para que se sentisse em segurança quanto à saúde.

Queremos deixar gravada aqui a gratidão dos salesianos da Mooca e da Inspetoria por tudo quanto pessoas dedicadas e generosas se desdobraram pelo Pe. Fausto: salesianos, médicos, enfermeiras/os, funcionários/os, religiosas, no Brasil e em Roma, onde passou alguns anos. Em toda a parte recebeu cuidados, em toda a parte foi bem cuidado. Deus recompense a todos!

Era fácil notar a fragilidade de sua saúde. A tuberculose, da qual se tratou e curou ao longo de vários anos, o tornou ainda mais frágil. Seria engano, porém, pensar que não tivesse resistência. E como a tinha! Provam-nos os quase 93 anos de vida. Pode até muito bem ser que a tuberculose o tenha tornado mais cuidadoso consigo mesmo e tenha colaborado para uma longevidade invejada por muitos.

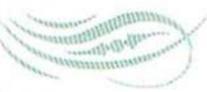
Nos últimos tempos, de quando em quando, aludia à morte, começou a pôr em ordem o escritório, determinou algumas providências, enfim, parecia pressentir o fim.

Como todo ser é mortal, chegou também a hora do Pe. Fausto. A última semana de vida foi assinalada por diversos incômodos que se tornaram particularmente visíveis no dia 8 de fevereiro. Ao jantar, estava pálido como nunca, alimentou-se pouquíssimo e, pela primeira vez, pediu para ser acompanhado ao quarto. "Sinto que estou desmoronando", confessara um pouco antes ao Diretor.

De fato, o desmoronamento ocorreu na manhã do dia 9. Ao levantar-se, perdeu o equilíbrio e caiu ao pé da cama. Dado o alarme, foi levado às pressas ao Hospital Santa Virgínia (antigo Hospital São José do Brás). A caminho, aos poucos, embaralhou a fala. Acudido pelos médicos, feitos os exames, constatou-se grande coágulo acima da têmpora esquerda a pressionar o cérebro. O veredicto era fatal: ou se tentava uma cirurgia de alto risco ou a morte seria inevitável. Decidiu-se pela cirurgia. Entrando logo em coma, não voltou mais a si. No dia 13 fevereiro, às 19h30, partiu de volta para a Casa do Pai. Na véspera recebera a Unção dos Enfermos ministrada pelo sobrinho padre.

Velamos seu corpo na comunidade salesiana da Mooca até as 11 horas do dia 14. Dispensadas as aulas dos aprendizes e suspenso o trabalho da Gráfica e da Editora, o Pe. Fausto viu-se rodeado e pranteado pelos funcionários e funcionárias da casa, que muito o estimavam e admiravam e com os quais mantinha amigável relacionamento.

A segunda parte do velório realizou-se no Santuário do Coração de Jesus, junto à Casa Inspetorial. Às 16 horas, houve concorrida celebração eucarística, participada por muitos salesianos, parentes, amigos, admiradores e religiosas. Após a Eucaristia, o cortejo fúnebre seguiu para o cemitério do Santíssimo Sacramento, no Sumaré, onde foi sepultado ao lado de outros irmãos e irmãs da Família Salesiana que ali descansam na paz do Senhor.



O êxodo deste mundo e o retorno ao Pai representaram para o Pe. Fausto a coroação de toda uma vida dedicada ao Senhor. Para nós, que ficamos, restou a alegria de termos mais um irmão feliz para sempre e a saudade de sua ausência. Descanse em paz, Pe. Fausto, e ore por nós!

## **Cronologia**

Na avaliação de uma vida, o Juiz supremo leva muito mais em conta o que a pessoa *se tornou* no correr dos anos do que as tarefas que desempenhou ou os cargos que ocupou. Convém aqui usar o mesmo critério. A Sagrada Escritura ensina: “É no fim que as obras de um homem são reveladas. Antes da morte não louves pessoa alguma, pois no seu fim é que se conhece a pessoa” (Eclo 11,29-30).

Aqui, servindo-nos dos dados disponíveis no arquivo inspetorial, apresentamos uma sintética cronologia da vida, dos trabalhos e dos encargos que fizeram do pequeno Fausto o Pe. Fausto que conhecemos.

Ele nasceu no dia 8 de junho de 1913, na cidade do Rio Grande, diocese de Pelotas, RS. Foram seus pais Eugênio Santa Catarina e Maria De Biasi. Tornou-se filho de Deus pelo Batismo, administrado pelo Cônego José Joaquim Bervanger, na matriz de São Pedro, em 18 de outubro de 1913, e recebeu o sacramento da Crisma, conferido na matriz do Espírito Santo, em setembro de 1915. Não dispomos da data de sua primeira Comunhão. Sabemos, porém, que a família era intensamente religiosa, criando o clima indispensável para o crescimento na fé e na vida cristã.

Como continuação providencial deste espírito de fé e amor à Igreja, em 1919 se deu o primeiro contato com os Salesianos: o menino Fausto entrou como aluno no Liceu Leão XIII, em sua cidade natal. Sentindo desde cedo o chamado para a vida salesiana e sacerdotal, ingressou no aspirantado de Lavrinhas em 1924, com apenas 11 anos. Ali, de 1924 a 1927, cursou o ensino fundamental, obtendo sempre boas notas, inteligente e dedicado como era.

No fim de 1927 fez o pedido para iniciar o Noviciado, todavia por falta de idade canônica teve que adiá-lo. Aproveitou o ano de 1928 para freqüentar o primeiro ano de Filosofia. Finalmente, em 27 de janeiro de 1929 ingressou no Noviciado. A primeira profissão trienal emitida em 28 de janeiro de 1930 coroou esse tempo de formação intensa.

Em 1930 cursou o segundo ano de Filosofia, ainda em Lavrinhas, onde, em 1931-1932 fez os dois primeiros anos de tirocínio. Para o terceiro ano, deixou aquele ambiente onde passara nove anos de sua vida e partiu para uma experiência diferente no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo.

Em 28 de janeiro de 1933, em Campinas, emitiu a segunda profissão trienal, embora seu desejo fosse o de fazer imediatamente a profissão perpétua. Este desejo só foi alcançado no dia 26 de janeiro de 1935, novamente em Campinas.

Terminado o tirocínio, em 1934 iniciou o primeiro ano de Teologia no Instituto Teológico Pio XI, então em Santa Teresinha, que, a partir de 1935, foi transferido para o Alto da Lapa.

Durante os quatro anos de preparação à Ordem Presbiteral, segundo a praxe do tempo, recebeu a Tonsura, as quatro Ordens Menores e o Subdiaconato. O Diaconato, conferido no dia 14 de março de 1937, marcou o início do último ano de Teologia, coroado pela Ordenação Sacerdotal, ministrada pelo Arcebispo de São Paulo Dom Leopoldo Duarte e Silva, na catedral provisória de Santa Ifigênia, em São Paulo, no dia 8 de dezembro de 1937, junto com diversos colegas.

Ordenado sacerdote, a longa vida do Pe. Fausto foi pautada por serviços prestados em diversas comunidades e também por cuidados com sua frágil saúde. Eis a sucessão dos anos, as comunidades e os trabalhos desenvolvidos por ele:

- 1938-1939: professor em Lavrinhas;
- 1940-1945: formador dos estudantes de Filosofia em São Paulo-Ipiranga;
- 1946-1948: tratamento da saúde em São José dos Campos;
- 1949-1951: professor no Noviciado de Pindamonhangaba;

- 
- 1952-1953: novamente tratamento da saúde em Campos do Jordão;
  - 1954-1958: ainda professor no Noviciado de Pindamonhangaba;
  - 1959-1960: professor em São Paulo-Moooca e no Liceu Coração de Jesus;
  - 1961: Diretor em Americana;
  - 1962-1967: Diretor em Lorena-São Joaquim;
  - 1968-1972: Diretor em Campos do Jordão;
  - 1973: Diretor em Piracicaba;
  - 1974-1975: Diretor em São Paulo-Santa Teresinha;
  - 1976-1979: tradutor dos documentos da Congregação para a língua portuguesa e secretário do Pe. Juan Vecchi, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil; em seguida, do Pe. Walter Bini, Conselheiro Regional para a Região do Atlântico Sul, em Roma-Casa Geral;
  - 1979(julho)-1991: tradutor e colaborador na Editora Salesiana em São Paulo-Moooca;
  - 1992-1993: tradutor em Roma-Casa Geral;
  - 1994-2006: tradutor e colaborador na Editora Salesiana em São Paulo-Moooca.

Parece que no exercício destas atividades o Pe. Fausto nem sempre se sentiu à vontade como Diretor. Seus interesses se concentravam mais na língua portuguesa, na música e na espiritualidade.

Apesar de inteligente, culto e bom salesiano, não sabemos por quais razões, nunca foi encaminhado para estudos superiores em Roma ou em outro país. Não dispunha de títulos acadêmicos. Tinha somente Diploma Universitário em Canto Orfeônico e era habilitado a lecionar matemática, latim, história, filosofia e, naturalmente, música. Lecionou também português, grego, história e espiritualidade. Exímio conhece-

dor da língua pátria, sentia-se igualmente à vontade com o latim, o italiano, o espanhol e o francês, e sabia servir-se do inglês e do alemão para suas traduções.

Na verdade, era pessoa cultíssima. Mesmo sem estudos superiores, ele se tornou “doutor em muitas coisas”.

E assim, na soma final do tempo e das atividades, o Pe. Fausto viveu 92 anos e 250 dias, foi salesiano de Dom Bosco por 76 e presbítero da Santa Igreja por 69.

Sabemos, porém, que tudo o que ele *realizou* como ser humano, salesiano e padre, pouco pesaria na balança de Deus, se ele não se tivesse tornado quem realmente *se tornou*.

### **Homem de caráter, sensível, inteligente, sábio**

Por educação familiar e por formação salesiana, o Pe. Fausto tornou-se um autêntico “homem de caráter”. Alicerce de toda esta edificação foi seu próprio temperamento, que para tudo o que quisesse ou rejeitasse, não se vergava facilmente. Premiado de nascença com uma vontade férrea, sempre esteve literalmente de pé, firme, até o fim, tanto para seguir suas opções fundamentais de vida, quanto para caminhar, ter saúde e continuar a viver. Sua coluna vertebral sempre ereta e seu porte pessoal nobre e elegante expressavam plasticamente o que ele era – e o que queria ser – por dentro.

Esta sua firmeza e retidão de espírito e de corpo saltavam à vista. Às vezes, para os que menos o conheciam, causava a impressão de distância, frieza, isolamento. Disto, ele tinha consciência, e sofria, parecendo-lhe ser menos estimado e até mesmo evitado.

Ao mesmo tempo, toda sua pessoa transpirava gentileza, suavidade de modos, delicadeza no falar, altíssima sensibilidade. Parece que o Pe. Fausto não veio ao mundo para navegar pelos mares da mediocridade.

Sua sensibilidade era imensa, parecendo às vezes raiar exigências descabidas. Não menor era sua imperturbável persistência. Sensível como a corda de um instrumento musical



extremamente afinado, sofria e... também fazia sofrer. Torturava-se para alcançar as alturas da perfeição em tudo o que fazia.

Se escrevia, reescrevia tudo diversas vezes, não se cansava de consultar dicionários os mais diversos, buscava sinônimos, submetia sua redação a outras pessoas menos qualificadas do que ele, chegava a fazer telefonemas interurbanos..., contanto que suas palavras fossem exatas e tivessem o brilho do ouro.

Talvez esteja aqui a explicação para o fato de um homem dotado de inteligência e sensibilidade tão afinadas ter escrito tão poucos livros. Pode ser também que o Pe. Fausto, sendo responsável pela tradução de grande quantidade de documentos e textos oficiais da Congregação, tanto aqui quanto em Roma, não tenha disposto de tempo para escrever seus próprios livros.

Apesar disto, escreveu, sim, diversas pequenas obras para a Editora Salesiana. E como canto de cisne – ou como testamento, segundo uma de suas recentes declarações – deixou-nos seu único livro de peso **Segredos da Palavra**. Nele estuda cem palavras, pesquisando minuciosamente sua origem e etimologia, fornecendo-nos a respeito de cada uma delas mil pequenas observações, comentários, considerações brotadas de sua inteligência e de seu coração.

Era comovente ver o Pe. Fausto, com seus 91-92 anos, passar horas a fio diante do computador, lutando contra a deficiência da vista e tendo dificuldade em apontar a seta do *mouse* sobre a palavra ou o ícone visado... Exemplo vivo de abertura aos avanços do mundo, silenciosa reprimenda aos acomodados e medrosos diante dos progressos admiráveis que nos permitem servir mais e melhor. Não sem razão, no ano da Campanha da Fraternidade de 2003, sobre as pessoas idosas, o Pe. Fausto mereceu ter sua foto trabalhando ao computador estampada no calendário difundido por todo o Brasil.

Não fosse seu caráter e sua persistência, talvez tivesse até vivido menos. A idade não lhe permitia empenhar-se em muitos esforços, todavia, nunca esteve ocioso. Pelo contrário, sua sabedoria o ajudou a organizar a vida de forma sadia em que tudo estava perfeitamente sincronizado. Como ensina o

Eclesiástico, também na vida do Pe. Fausto havia tempo para tudo: sono, oração, refeições, trabalho intelectual, leitura, música, cuidado com algumas plantas, lazer, caminhadas, jornais, palavras cruzadas, jogo da paciência no computador, TV com seus noticiários, programas culturais, algum filme... e o jogo do Palmeiras.

Era, esta, uma sabedoria não só digna de admiração para quem conhecia o Pe. Fausto, como também fonte de vida sadia para ele mesmo. Como amava a vida! Nada escapava a seus olhos de águia – aliás, com seus olhos penetrantes e nariz adunco, lembrava de fato uma águia. Sua sensibilidade não era só de temperamento, inteligência e coração, era também visual. Observava tudo, muitas vezes chamava a atenção para detalhes que tinham fugido aos demais. Munido dessa capacidade de contemplação, a Natureza era para ele o Livro de Deus: admirava tudo, queria ver tudo, até importunava os amigos para ver o que ainda não vira e rever o que já sabia de cor. E como o Pe. Fausto também gostava de “viajar” pelos mapas dos países e continentes!

Para o Pe. Fausto, Campos do Jordão era por excelência o Livro de Deus! Coube-lhe responder pela Vila Dom Bosco durante diversos anos: a ele foi confiada a tarefa de mobiliar a casa após a reforma realizada em 1967, deixando-a bela, com toques característicos de bom gosto, sem nada de ostentação. Foi então que, de certa forma, “folheou” o grande Livro, apreciando todos os encantos que nunca se cansava de admirar. Somando todas as vezes que o Pe. Fausto visitou Campos e lá permaneceu, por mais ou menos tempo, quantos anos terá feito daquele pedaço de céu o lugar onde sua sensibilidade se dilatava e saciava?

Conhecia Campos – e em particular a vila Dom Bosco – como a palma da mão. A cada visita entregava-se ao reconhecimento daquela “linda natureza de Deus”. Alegrava-se ao notar como as árvores e flores que ele plantara tinham crescido e florido, ou o parque e o prédio tinham passado por melhorias. Queixava-se diante das mudanças que encontrava: por que cortaram esta árvore? Onde estão as flores daqui? Isso não fi-



cou bom, podiam ter feito desta ou daquela forma... Enfim, parecia que Campos era uma extensão de sua pessoa: qualquer iniciativa que fosse para melhor ou para pior adquiria ressonâncias em sua carne e em sua alma. Para quem conviveu com o Pe. Fausto, é impossível não recordar-se dele sempre que visita a Vila Dom Bosco.

Na verdade, a alma do Pe. Fausto não vibrava somente ao contemplar o mundo da Beleza que Deus abre cada dia diante dos nossos olhos. Por dentro, ele tinha outro mundo cheio de encantos, o mundo da música.

Foi um músico de altíssima sensibilidade e harmonia. Embora não tivesse feito estudos especializados, conhecia muito bem a arte que, mais do que as demais, desperta nobres sentimentos e eleva o espírito a Deus. As grandes criações musicais, estas que permanecerão para sempre, eram para o Pe. Fausto o mar onde ele mergulhava e nadava à vontade.

Não só era um eminente apreciador da música clássica, como também era um bom compositor. Quanta música compôs! Missas, motetes, orações, hinos... Ainda nos últimos dias brotaram de sua harmonia interior pequenas músicas, que compunha para se distrair. Ao morrer, seu computador guardou como suprema herança algumas delas: "O Anjo do Senhor" (*Angelus*), musicado ao completo; "Ao Sagrado Coração de Jesus"; "Prece da Manhã"; "Cantai ao Nosso Deus", em duas versões; "Casinha Pequenininha" e, incrivelmente, "Dai-lhes o descanso eterno"! As composições do Pe. Fausto não eram abstratas, complicadas, mas simples, melodiosas, fáceis de aprender, agradáveis de cantar. Não fazia alarde delas, algumas foram impressas e muito cantadas, outras ninguém soube que as compôs. Ao falecer, nos legou um precioso patrimônio musical que é preciso preservar a todo custo.

O Pe. Fausto era também entusiasta do gregoriano, no qual procurou se aperfeiçoar fazendo um breve curso na abadia de Solesme, na França. Foi um bom mestre de gregoriano, ensinando-o a gerações de salesianos jovens e a muitas religiosas. Sofria ao ver que esta música eminentemente litúrgica ti-

nha sido praticamente abandonada na Igreja. Sofria também quando, quem ainda a cultivava, não a executava tão bem...

Não é sempre que encontramos pelos caminhos da vida uma pessoa como o Pe. Fausto. Era como uma mina de pedras preciosas. Teria sido preciso acompanhá-lo ao longo de cada dia de sua longa vida para apreciar toda a riqueza que ele carregava em sua inteligência e em seu coração. Sirvam as observações que acabamos de fazer para dizer um pouco do muito que o Pe. Fausto foi enquanto homem de caráter, dotado de fina sensibilidade e privilegiada inteligência, sábio em tudo que fazia, ornado daquela virtude que Dom Bosco chamava “temperança”: nada além da medida, tudo segundo o bom senso.

Um homem assim, será que tinha limitações, defeitos? Não seria humano – nem seria o Pe. Fausto! – se não tivesse. Seu currículo formativo não deixa de apontar algumas fraquezas, mas a elas justapõe apreciações muito positivas, como: inteligente, de bom espírito, estudioso, piedoso... Seus limites não provinham de má consciência, de transgressão da formação recebida, da quebra da coerência salesiana e sacerdotal. Seus maiores limites brotavam de seu temperamento marcado por finíssima sensibilidade. Esta, de vez em quando, lhe aprontava desfeitas, como: alguma tendência ao perfeccionismo, um certo isolamento, o afastamento de grupos sociais maiores, a fuga de ambientes rumorosos... De fato, a alguns viam no Pe. Fausto um “nobre”, parecendo às vezes trancado em sua “torre de marfim”. No conjunto, porém, seria injustiça se não percebêssemos que sua luz e seu brilho tornam insignificantes pontos mais escuros. Ainda mais agora que, com a morte, mergulhou na luz de Deus que o torna sem manchas para sempre!

### **Homem orante, bom salesiano, sacerdote coerente**

Uma das coisas belas da vida era contemplar – a palavra é exatamente esta – o Pe. Fausto em oração. Profundamente recolhido, totalmente compenetrado, parecia deixar-se arrastar para as profundezas do mistério do encontro com Deus,



tanto na oração pessoal, quanto na comunitária, mais ainda nas celebrações litúrgicas.

As palavras lhe fluíam da boca com reverência. Os gestos eram plenos de recato e unção. Ainda que celebrasse em latim, como por tantos anos celebrou, quem participava de sua liturgia tinha a sensação perfeita de que ele estava em comunhão com Deus. Falava mais pelas atitudes do que pelas palavras que pronunciava.

Não podia admitir pressa na oração, celebrar maquinalmente, recheiar o texto litúrgico de comentários supérfluos, muitas vezes inadequados... O Pe. Fausto realmente quando rezava, fazia-o *digne, attente ac devote* – de forma digna, atenta e devota –, como é recomendação da Igreja a seus sacerdotes.

Pontualíssimo nas orações comunitárias, não faltava a elas nem mesmo quando sentia incômodos, a não ser em casos extremos. Era pontualíssimo também em suas orações pessoais, desde as pequenas jaculatórias que rezava em determinados momentos do dia e da noite, até a recitação do Terço, em particular da Liturgia das Horas. Quanto sofreu para se convencer de pedir ao Padre Inspetor que o dispensasse delas porque a vista já não o ajudava. Ainda assim, podendo, as recitava. – “Como posso deixar a Liturgia das Horas, se ainda leio jornais?” – perguntava. Na verdade, lia jornais, mas estes não pediam o esforço e a concentração próprias de quem está orando.

Lia com frequência livros espirituais e vidas de santos, e repassava tudo em seu coração. Depois vinham os comentários, as impressões, as indagações, algumas dúvidas, que deixavam transparecer seu amor a Deus e a esperança da vida eterna. Ao passar pela capela – segundo contava – insistia com Jesus: “Lembra-te que morreste por mim, portanto, trata de me levar para o céu!”. Não passava ao lado de um cemitério sem que rezasse um *Requiem aeternam* pelos falecidos. Pode-se afirmar com certeza que sua vida e suas atividades eram pontilhadas de pequeninos momentos de comunhão com Deus que davam sabor de eternidade a tudo o que fazia.

Esta consciência que o tornava um homem orante era também a consciência que fez do Pe. Fausto um bom salesiano.

Aliás, nele, tudo foi sempre marcado por forte consciência do que fazia. Tendo ingressado no aspirantado em sua pré-adolescência, trazendo de sua casa uma formação familiar fortemente cristã e eclesial, não foi preciso senão continuar o caminho na mesma direção.

Sentia grande veneração pelos antigos salesianos e a testemunhou até os últimos dias de sua vida. Foram eles, aliás, que lhe transmitiram a herança de Dom Bosco e infundiram em seu coração o espírito, o carisma e a missão do nosso Pai comum. A consciência de ser salesiano amalgamou-se de tal forma com a consciência de ser cristão que, na prática, se tornaram uma coisa só. Certamente, para o Pe. Fausto, este era na mente de Deus seu caminho na história da salvação e de santificação. Respeitava os demais caminhos que o Espírito Santo suscitou na Igreja, mas ele só podia ser *salesiano*.

Com grande dedicação mostrou seu amor pela Família Salesiana cuidando, como Diretor (e redator) pelo período de dez anos do *Boletim Salesiano*. Quanto trabalho, quanto esforço em buscar artigos, notícias, fotos e comentários! Por ocasião de sua morte, o *Boletim Salesiano* lhe dedicou breve registro (*Boletim Salesiano*, maio-junho 2006, p. 27).

A vida salesiana lhe permitiu também conviver com grandes figuras da Congregação, tanto no Brasil como em Roma, durante os bons anos que trabalhou na Casa Geral. Admirava tais irmãos eminentes em sabedoria e virtude e fazia deles balizas com que pautar sua vida. Todos sabem que um desses grandes irmãos foi o Venerável Pe. Rodolfo Komorek. Com ele conviveu diversos anos em São José dos Campos, partilhando não somente a vida comunitária mas também a mesma doença. Às vezes pode-se até pensar que aquela concentração em Deus que o Pe. Fausto demonstrava particularmente nos momentos de oração passou para ele, como em operação de vasos comunicantes, a partir do coração do Pe. Rodolfo.

Não sem motivo o Pe. Fausto, por muito tempo, foi o Vice-Postulador da Causa de Beatificação e Canonização do Pe. Rodolfo. Quanto se empenhou para ver este nosso irmão ele-



vado à honra dos altares! De certa maneira, foram duas vidas que aos poucos se fundiram numa só.

Quem via o Pe. Fausto, quase espontaneamente se lembrava também do Pe. Rodolfo, pois dele falava sempre que podia. Particularmente seus retiros espirituais e suas pregações não deixavam de apontar o Pe. Rodolfo como homem pobre, penitente, dedicado aos doentes, apóstolo do sacramento da Reconciliação. A idade fez com que passasse a outras mãos a responsabilidade pela Causa do Pe. Rodolfo. Seu amor por ele, todavia, levou-o consigo para o céu.

E, diga-se de passagem, que, se tivesse dependido do Pe. Fausto, também o Pe. Álvaro Biolchini, de quem foi companheiro de tratamento em São José dos Campos, teria sua Causa de Beatificação iniciada, tantas eram as virtudes que nele admirava e de que falava freqüentemente, e de quem escreveu uma bela biografia, publicada pela nossa Editora.

O Pe. Rodolfo, porém, não foi a única devoção do Pe. Fausto. Dom Bosco, São José e Maria Auxiliadora eram presenças certas em sua oração e em sua vida, como é de se esperar de qualquer salesiano.

O Pe. Fausto – acentue-se a palavra *padre* – foi sempre *padre* em todo tempo e lugar. Nunca escondeu esta sua condição eclesial e, particularmente, sua consciência sacerdotal jamais fraquejou. É possível pensar sem perigo de engano que todas as pessoas que se aproximaram do Pe. Fausto puderam sentir que tinham entrado em contato com alguém que transpirava algo sobrenatural.

Nenhuma indignidade em seu comportamento, pelo contrário, sempre se mostrou digno da confiança que Cristo e a Igreja depositaram nele ao torná-lo seu ministro. Se a palavra “coerência” pode traduzir a virtuosa realidade sacerdotal vivida pelo Pe. Fausto, tal palavra lhe cabe perfeitamente. Quer falasse, quer agisse, quer escrevesse, sempre se podia entrever o sacerdote a dar o tom do momento.

Cada padre pode ser grande de muitas formas. Nenhum, porém, o será verdadeiramente, se lhe faltar a consciência profunda de sua estrutura sacramental e a correspondente coe-

rência de vida. Na hora da avaliação sincera por parte das pessoas, é para esta realidade que em primeiro lugar elas apontam. Seria um desafio insuperável encontrar alguém que não tenha admirado no Pe. Fausto uma profunda consciência de seu sacerdócio e uma grande coerência de vida.

Uma atividade sacerdotal muito desenvolvida pelo Pe. Fausto merece relevo: a pregação de retiros aos salesianos, em particular aos noviços por um bom período de anos seguidos, a religiosos e religiosas. Em particular, quantas comunidades de religiosas ouviram a Palavra de Deus pela boca do Pe. Fausto! Destaquem-se de modo especial as Monjas Beneditinas de Campos do Jordão, que ele conheceu quando chegaram àquela cidade para fundar um novo mosteiro e das quais foi sempre leal amigo, conselheiro, pregador e, por décadas, capelão “oficial” da Semana Santa; as Irmãs da Caridade do Japão (Cáritas de Miyazaki), as Irmãs Camilianas de São Paulo, no Jaçanã, sem falar da assistência espiritual, em outros tempos, das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada em São José dos Campos.

No céu não há mais necessidade de sacerdotes, não será preciso organizar pastorais, a sacramentalidade da Igreja terá sido absorvida pelo corpo ressuscitado do Senhor. Uma coisa é certa, porém: o Pe. Fausto – acentuemos de novo a palavra *pádre* – continuará para sempre a celebrar a liturgia celeste. Lá ele viverá de modo pleno e eterno aquele “Tu és sacerdote para sempre” que tantas vezes meditou e cantou aqui na terra.

### **Pe. Fausto, o amigo**

Amante do silêncio, do comportamento reservado e avesso ao barulho e à superficialidade, o Pe. Fausto, todavia, tinha amigos e sabia cultivar a amizade. Apreciava as amizades autênticas e profundas, não importando se fossem poucas. Não que tivesse inimigos, mas ele se guiava mais pela experiência, tão bem sustentada pelas palavras da Escritura que a confirmam: os verdadeiros amigos realmente são poucos.

Ao longo de sua vida teve amigos e amigas, nunca os esqueceu, sempre alimentou a chama que o mantinha unido a



tais pessoas, tanto na Congregação quanto fora dela. Quem o conheceu de longa data pode testemunhar esta verdade.

Também é verdade que a amizade tem seus tons mais ou menos acentuados. Aqui vale a pena ressaltar quantos amigos soube fazer entre os funcionários da Gráfica e da Editora Salesiana nos quase 30 anos vividos na Mooca. Quem não gostava do Pe. Fausto? As pessoas que não o conheciam pessoalmente conheciam-no como amigo por ouvir dizer. E os que falavam do Pe. Fausto como amigo eram muitos.

Pequenos favores pedidos a este ou àquele, uma anedota contada aqui e acolá, um sorriso, um cumprimento, um pedido de informações... mil pequenos expedientes faziam com que o Pe. Fausto fosse visto como amigo sincero. Disto são testemunhas as lágrimas de muitos funcionários e funcionárias no dia de sua morte, os pequenos episódios contados pelos mais próximos a ele, a presença comovida em seus funerais, a saudade ainda hoje sentida por todos, a lembrança de sua pessoa e de sua vida...

Talvez o Pe. Fausto não se tenha dado conta de quantos amigos tinha. O certo é que sua presença serena, sorridente, quase sem palavras, sempre respeitosa, foi criando em redor de si uma coroa de amigos e amigas que hoje o trazem na memória e no coração. Os "Depoimentos" que acompanham esta carta são alguns dos testemunhos que certamente muitos outros amigos teriam gostado de dar.

Como Dom Bosco ensinou a respeito dos jovens, "não basta amar, é preciso que as pessoas sintam que são amadas". É bem possível que este seja o maior apostolado que um salesiano possa fazer. Afinal, foi o próprio Jesus que condensou toda a Lei e os Profetas no único e grande Mandamento do Amor.

Sabemos pela Palavra de Deus que "o justo será sempre lembrado" (Sl 112,6). Isto é verdade, e esta verdade bem que poderia ser traduzida assim: a lembrança do verdadeiro amigo permanecerá para sempre.

O Pe. Fausto foi – e continua a ser – um grande amigo!  
Por uma estranha intuição, entre as músicas compostas nos últimos dias e deixadas no computador, ele revestiu de nova melodia os velhos e conhecidos versinhos que cantam o Amor:

*Tu não te lembras da casinha pequenina  
onde o nosso amor nasceu?  
Tinha um coqueiro do lado  
que, coitado! de saudade já morreu.*

O coqueiro da poesia morreu, mas o Pe. Fausto vive para sempre!

Mesmo assim, conforme nos recomenda a Igreja e a Congregação, rezemos, talvez, não tanto para que Deus o receba na glória quanto para que junto a Deus se lembre de nós.

São Paulo, 13 de fevereiro de 2007  
1º aniversário de sua morte

*Em nome dos salesianos, funcionários e alunos da comunidade da Mooca*

**Dom Hilário Moser, SDB**  
Bispo Emérito de Tubarão (SC)

*Dados para o necrológio salesiano*

**PE. FAUSTO SANTA CATARINA**

★ *Rio Grande, RS – 08/06/1913*

† *São Paulo, SP – 13/02/2006*

*92 anos de idade*

*76 anos de vida religiosa*

*69 anos de sacerdócio*